

## Colapsologia ou ecossocialismo?



Por **DANIEL TANURO\***

*A situação é muito grave? Sim! Existe uma ameaça de colapso? Sim. Mas esse resultado não é de todo “inevitável”. Corre o risco de se tornar inevitável se não impusermos respostas anticapitalistas*

“Colapsologia” e ecossocialismo têm algumas coisas em comum, mas também diferenças importantes. Espera-se que o debate ajude a suavizá-las ou, caso contrário, a esclarecê-las. É neste espírito que esta contribuição é escrita. Concordamos em um ponto importante: não é uma crise, no sentido de estarmos falando de uma crise econômica ou de uma crise hepática, ou seja, fenômenos temporários. O que enfrentamos é infinitamente mais sério. Mas o futuro permanece aberto, apesar de tudo. É a luta que está na agenda, não a resignação enlutada.

Segundo o programa internacional da geosfera-biosfera, a sustentabilidade da civilização humana depende de nove parâmetros ecológicos. Para cada um, foi definido o limite de periculosidade a não ser ultrapassado. O único ponto positivo é a recuperação em curso da camada de ozônio. A fronteira é desconhecida para dois parâmetros. Mas foi atravessada por três dos outros seis: o declínio da biodiversidade, a perturbação do ciclo do nitrogênio e a concentração atmosférica de gases de efeito estufa.

Vamos nos contentar com uma indicação sobre a mudança climática: os cientistas localizam entre +1°C e +4°C (em comparação com a era pré-industrial) o ponto de inflexão além do qual a calota de gelo da Groenlândia se romperá, levando a um aumento de sete metros no nível do mar. Desde 2016, o aquecimento está acima de 1°C; então estamos na zona de perigo. De qualquer forma, sem medidas drásticas, é muito provável que haja um aumento de 60 a 80 cm no nível dos oceanos nas próximas décadas. Várias centenas de milhões de pessoas serão forçadas a se mudar.

Não estaríamos nessa situação trágica se reduções sérias nas emissões de gases de efeito estufa tivessem sido decididas após a Conferência do Rio em 1992. Mas as emissões aumentaram mais rapidamente do que nunca. Um recorde foi quebrado em 2017: aumento de 3,7%! Na taxa atual, o orçamento de carbono que oferece duas chances em três de não exceder 1,5°C de aquecimento será esgotado em 2030; o de 2°C será em 2050.

Os “colapsologistas” concluem que um colapso é inevitável e que já começou.<sup>[2]</sup> Eles adotam a análise de Jared Diamond: a sociedade poda o ramo ambiental em que está assentada. Portanto, entrará em colapso, como outras sociedades humanas entraram em colapso no passado (Ilha de Páscoa, os Mayas etc.).<sup>[3]</sup> O que isso significa? Não se trata apenas do colapso de uma estrutura político-estatal, como foi o caso da queda do Império Romano, mas de um “ecocídio”, fazendo com que a “capacidade de suporte” seja excedida, levando ao desaparecimento de grande parte da população, talvez a maioria.

O sucesso desta tese foi assegurado pela metáfora da Ilha de Páscoa. Segundo Jared Diamond, os habitantes da Ilha se multiplicaram para 30.000 e destruíram o ecossistema cortando grandes palmeiras para mover suas estátuas, de modo que 4/5 da população teria desaparecido. O planeta de hoje estaria na mesma situação. Um colapso global está prestes a ocorrer.

# a terra é redonda

É a visão adotada por Pablo Servigne e Raphaël Stevens. Só que as coisas não aconteceram assim na Ilha de Páscoa. Agora está bem estabelecido que seus habitantes nunca foram mais do que 3.500. As grandes palmeiras teriam desaparecido após a proliferação de roedores importados pelos polinésios. O mistério de parar a produção de estátuas pode ser explicado por fatores sociais. O golpe fatal para a civilização da Ilha foi dado por uma causa externa: os ataques de escravos, que dizimaram a população.

Especialistas dos vários casos citados por Jared Diamond se uniram para produzir um livro coletivo muito notável: *Questioning Collapse*.<sup>[4]</sup> Este é um trabalho científico, não um livro para o público em geral; portanto, não teve o impacto do *Collapse*. Mas por que cientistas como Pablo Servigne e Raphaël Stevens continuam a citar Jared Diamond? Por que eles não mencionam o *Questioning Collapse*, que conclui que a tese do colapso ambiental das sociedades do passado não tem fundamento? Eles poderiam fazer isso porque, quando se trata do presente, os “colapsologistas” estão absolutamente certos: a destruição ambiental representa uma ameaça real de colapso. Os ecossocialistas compartilham plenamente essa preocupação. Por outro lado, discordamos totalmente da maneira resignada de considerar o colapso como um evento a ser aceito, porque seria inevitável.

Pablo Servigne afirma em uma entrevista que essa inevitabilidade se baseia em um “corpo de evidências científicas”.<sup>[5]</sup> Esta afirmação é extremamente questionável. Na verdade, quando especialistas em ameaças ambientais deixam a conta estrita dos fatos, duas orientações principais aparecem.

A primeira é a de pesquisadores para quem o crescimento é uma vaca sagrada. Eles acreditam que tecnologias milagrosas impedirão o desastre sem alterar o sistema econômico. Essa orientação é claramente majoritária. No 5º relatório do IPCC (que sintetiza o trabalho existente), mais de 90% dos cenários com o objetivo de permanecer abaixo de 2°C de aquecimento, são baseados na hipótese de uma implantação maciça da bioenergia com captura e sequestro de carbono (uma forma de geoengenharia repleta de riscos ecológicos e sociais).

A segunda orientação, muito minoritária, vem de pesquisadores para quem o crescimento é uma calamidade, mas que atribuem ao gênero humano a responsabilidade pelo desastre. Dizem que tecnologia e produção social são produtivistas por definição. A ideia de que a sociedade atual está indo de encontro a um muro porque busca o lucro dos capitalistas que lutam por participações de mercado, nem sequer os toca. De repente, reduzir a população é a única solução para essas pessoas. Alguns dizem sem rodeios que a Terra está doente por causa da humanidade. O desaparecimento da raça humana lhes parece mais fácil de imaginar do que o do capitalismo, que só existe há duzentos anos...

Em geral, essas duas orientações têm em comum agir como se as relações sociais da sociedade capitalista estivessem sujeitas às leis naturais. Em vez de criticar a “ciência” nesse ponto, os “colapsologistas” a imitam.

Na entrevista citada, Pablo Servigne explica que o colapso é inevitável porque “nossa sociedade se baseia tanto em combustíveis fósseis quanto no sistema da dívida”: “para funcionar, é necessário sempre mais crescimento”, ou “sem combustíveis fósseis, não há mais crescimento”, “portanto, a dívida nunca será paga”; “portanto, todo o nosso modelo socioeconômico entrará em colapso”, diz ele. A mesma análise é desenvolvida no trabalho escrito com Stevens.

No entanto, não podemos misturar as maçãs de combustíveis fósseis com as peras da dívida! As empresas fósseis e seus acionistas não querem parar de explorar os estoques fósseis porque isso estouraria uma bolha financeira, Ok. Mas essa bolha é composta de capital fictício. É o produto da especulação. Não tem nada a ver com o mundo físico. Nenhuma lei natural diz que a conta do estouro da bolha de carbono deve ser paga pelo resto da sociedade. Nenhuma lei natural diz, portanto, que essa explosão deve colapsar a população mundial. Nenhuma lei natural também diz que a única maneira de escapar dessa ameaça é resignar-se e retirar-se para o campo para fundar pequenas comunidades resilientes (experiências interessantes, aliás, mas não é esse o debate). Deixe os acionistas pagarem os custos de seu desperdício e o problema da dívida será resolvido...

# a terra é redonda

Mais da metade das emissões de gases de efeito estufa são atribuíveis aos dez por cento mais ricos da população mundial. Em outras palavras: mais da metade da energia consumida é destinada a atender às necessidades dos ricos. Adicione a energia desperdiçada para fabricar armas (para defender os interesses dos ricos) e os produtos de obsolescência planejada (para aumentar os lucros dos ricos), bem como o desperdício de quase metade da produção mundial de alimentos (principalmente devido à corrida pelo lucro instituída pelos ricos) e a análise muda completamente.

A situação é muito grave? Sim! Existe uma ameaça de colapso? Sim. Mas esse resultado não é de todo “inevitável”. Corre o risco de se tornar inevitável se não impusermos respostas anticapitalistas. Nuance! Práticas comunitárias alternativas, portanto, devem articular-se com uma estratégia social e lutas anticapitalistas, especialmente para bloquear projetos de expansão de capital fóssil.

Ao se recusar a tirar essa conclusão simples, os colapsologistas estão entrando em um campo muito escorregadio: o da resignação fatalista perante o risco de ver centenas de milhões de seres humanos pagarem com suas vidas pela destruição do meio ambiente pela loucura de crescimento do capital. Em seu trabalho, Servigne e Stevens evocam sem distância crítica, as previsões de colapso de mais da metade da população mundial. Seu chamado fatalista de “aceitar o luto” poderia, portanto, assumir um significado sinistro.

Esse risco de derrapagem deriva precisamente do fato de que a “colapsologia” naturaliza as relações sociais do mesmo jeito que os pesquisadores que favorecem a segunda orientação mencionada acima, alguns dos quais (Jared Diamond, por exemplo) são neomalthusianos. As respostas hesitantes de Pablo Servigne ao assunto de Malthus também são significativas: sua grade de leitura “colapsológica” o impede de ver que o autor do *Princípio da população* não é um ecologista de vanguarda, mas o cínico ideólogo da eliminação dos pobres em favor da acumulação pelos ricos.<sup>[6]</sup>

Em um segundo trabalho (escrito com Gauthier Chapelle), Pablo Servigne continua a reflexão de Kropotkin sobre a ajuda mútua no mundo dos vivos.<sup>[7]</sup> Esse é um ponto importante. Em particular, a cooperação é uma característica do *Homo sapiens* como animal social. O capitalismo, que se baseia na luta de todos contra todos, é, portanto, um modo de produção desnaturado. Espera-se que essa observação permita que os “colapsologistas” abandonem sua resignação enlutada.

Mas não basta chamar a biologia para o resgate. Porque a natureza humana só existe concretamente através de suas formas históricas. A verdadeira ajuda mútua, a que se manifesta espontaneamente, mas de maneira fugaz, em desastres, só pode se solidificar na auto-organização da luta contra a destruição capitalista. No final, para levar a melhor, será necessário lançar as bases de outra sociedade, com base na satisfação das reais necessidades humanas, democrática e prudentemente determinadas com respeito aos ecossistemas. É essa luta e essa forma histórica que chamamos de ecossocialismo.

\***Daniel Tanuro** é militante ecossocialista. Autor, entre outros livros, de *Delusion of Green Capitalism* (The Merlin Press).

Tradução: **Joana Benário**.

Publicado originalmente no jornal [Menos!](#).

## Notes

---

[1] Daniel Tanuro, ESSF (article 35111), [Crise socio-écologique : Pablo Servigne et Raphaël Stevens, ou l'effondrement dans la joie](#).

[2] *Comment tout peut s'effondrer. Petit manuel de collapsologie*, Pablo Servigne et Raphaël Stevens, Seuil, 2015.

[3] Jared Diamond, *Effondrement: Comment les sociétés décident de leur disparition ou de leur survie*, Folio essais 2009.

[4] *Questioning Collapse. Human Resilience, Ecological Vulnerability, and the Aftermath of Empire*, Patricia A. McAnany et al., Cambridge University Press, 2010.

[5] *Reporterre*, 7 mai 2015

[6] Entrevista a *Contretemps*, 7 de março de 2018. Os colapsologistas dizem que as pessoas pobres no Sul Global serão as menos afetadas pelo colapso, porque sua existência é a menos artificial. É, infelizmente, (mas não uma surpresa) o contrário que provavelmente acontecerá – e que já está acontecendo diante de nossos olhos.

[7] *L'entraide. L'autre loi de la jungle*, Pablo Servigne et Gauthier Chapelle, Les liens qui libèrent, 2017.

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**